

## A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO – MANEIRAS DE SE ENCONTRAR NO MUNDO

Yasmin Silva Ramos de Lima <sup>1</sup>  
Janaína Hanna Fernandes Silva <sup>2</sup>  
Jucy Silva <sup>3</sup>  
Liliane Vasconcelos <sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta as vivências das bolsistas Janaína Hanna Fernandes Silva e Yasmin Silva Ramos de Lima, da Universidade Católica do Salvador integrantes do curso de Letras Inglês e Letras Vernáculas, respectivamente, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES, realizado no período de março à agosto de 2023, durante o acompanhamento da turma da eletiva, Eu, Escritor, no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia (CEEBC), na cidade de Salvador, Bahia. O texto trata do contexto geral das observações e ações realizadas durante o período de julho focando nas práticas pedagógicas antirracistas que aconteceram durante o Julho das Pretas, que é uma série de eventos que visa incitar reflexões, discussões e ações sobre o protagonismo da mulher negra, seu papel na sociedade e assuntos ligados a isso. Sob a supervisão de Jucy Silva, docente de Língua Inglesa, atuando na instituição há pouco mais de 20 anos.

Inquestionavelmente, hoje não se pode defender que a educação é o futuro do mundo, porque ela, sozinha, não basta. A educação antirracista precisa ser cada vez mais fortalecida dentro das escolas, como forma de acolhimento, conhecimento e reconhecimento, principalmente. Reconhecer o nosso território brasileiro como racista, traz à tona a ancestralidade escravizada, visto que o Brasil era colônia de Portugal e, desde a invasão e escravização, onde os negros trazidos de África nos navios negreiros e tumbeiros aqui permaneceram - sem pedirem para vir e sem direito de voltar -, nasceu, foi, e é perpetuado, ainda que tentemos quebrar essa mancha que insiste em se proliferar na nossa história. Dentro das escolas, há um reflexo que pede para ser visto e, com essa necessidade, é reiterado o ideal,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, yasminsrlima@gmail.com;;

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Letras Inglês da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, annah304@hotmail.com;

<sup>3</sup> Graduada em Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, jucysilva67@gmail.com;

<sup>4</sup> Professora orientadora: Doutora, Universidade Católica do Salvador - BA, liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br.

e cito Lélia González, quando se trata da construção da identidade e como o racismo atravessa o povo preto. “Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo.” (1988).

## **METODOLOGIA**

No dia 13 de julho de 2023, promovemos um bate-papo sobre cabelo, e autoestima, nas turmas G e F, do 2º ano do Ensino Médio Técnico em Administração, e na Eletiva, “Eu Escritor”, composto por alunos e alunas do primeiro ano do ensino médio e uma turma do turno integral, totalizando 59 alunos presentes. O evento ocorreu no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, escola pública localizada no bairro de Cajazeiras, periferia da cidade de Salvador, composta, em sua maioria, por estudantes negras e negros. Há mais de vinte anos que o colégio desenvolve no seu PPC propostas educacionais voltadas para reflexões étnico-raciais, . Promovemos um momento onde os estudantes puderam compartilhar as suas vivências, para isso, convidamos a autora do livro “Que cabelo é esse?”, Darline Silva, para nos contar como foi o processo de reconhecimento com o cabelo cacheado e de criação do seu livro, a fim de trocarmos sobre como se constrói a nossa identidade. A proposta era que nós conversássemos sobre as experiências de vida desses estudantes, que, entre 16 e 18 anos, vêm sofrendo algum tipo de preconceito desde a infância. Uma aluna do 1º ano do Ensino Médio nos contou que com 3 anos de idade sofreu o seu primeiro preconceito por ter o cabelo crespo e, felizmente, a sua mãe sempre deu suporte e fortaleceu a autoestima, uma realidade nem sempre próxima dos demais alunos. Outra estudante do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, trouxe uma frase impactante quando iniciou o seu relato, “A primeira vez que fui quebrada pelo preconceito”, e esse não foi o único momento em que o tema racismo foi trazido à tona na escola. Aliás, o questionamento que fica, é: quando não se deve falar em racismo, visto que o nosso solo foi construído com sangue preto derramado às custas de uma sociedade hegemônica, branca, excludente, e, principalmente, racista? Quando promovemos a “Semana da África”, que foi um outro projeto voltado para questões raciais, para muito além de trabalharmos a parte linguística sobre a etimologia das palavras e percepção do quanto somos herdeiros de tradições e influências africanas, não seria possível dissociar as problemáticas envolvidas no tema África, a começar pelos estereótipos que nos foram inseridos pelos produtores de enunciados (europeus), que construíram toda a narrativa da história do nosso país a partir de sua visão colonizadora, onde não há espaço para as diferenças culturais. Segundo ADORNO et al., (2020):

A formação educacional do homem negro e da mulher negra no Brasil é marcada pela palavra ‘ausência’, o que se perpetua historicamente até hoje. Ausência de referências, ausência de cor, ausência de intelectuais, ausência de atores e atrizes negros, salvo em papéis subalternos.

Diante deste confronto com o modelo de representatividade negra estabelecido, cujo local é sempre de inferioridade, o protagonismo ascendente surge reivindicando a visibilidade dos movimentos que, diga-se de passagem, sempre existiram, apesar de serem ocultados. Um destes movimentos é o Julho das Pretas, que é um movimento de mulheres negras voltado para o fortalecimento das ações políticas, coletivas e autônomas, criado em 2013, pelo Odara - Instituto da Mulher Negra. O tema da 11ª edição do Julho das Pretas foi Mulheres Negras em Marcha por Reparação e Bem Viver.

O tema que norteia as ações do Julho das Pretas em 2023 faz referência à construção da 2ª Marcha Nacional das Mulheres Negras, que acontecerá em 2025; ao debate sobre reparação histórica para a população negra; e ao Bem Viver, paradigma que orienta a ação de grande parte dos movimentos de mulheres negras no Brasil, desde o processo de mobilização para a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo a Violência e pelo Bem Viver, que aconteceu em novembro de 2015, em Brasília.

Todas as ações que solicitam a revisitação dos ideais enraizados sobre a história, cultura e referenciais das pessoas negras, precisam começar pela base das produções discursivas e críticas que, para a maioria, é a escola. Desta forma, segundo FLORES (2016, pág. 184): “(...) *A escola é uma das principais instituições – ou a principal – com espaço para desconstruir os preconceitos, discriminações e as invisibilidades em suas diversas circunstâncias*”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados alcançados através das discussões foram satisfatórios, visto que a intenção era aguçar o olhar crítico dos alunos para as questões que os cercam. Foi possível observar isso através das diversas reações, desde a fala, o choro, as emoções trazidas, demonstrando o quanto o racismo afeta a autoestima, a imagem que eles visualizam no espelho, a ideia que o próprio racismo consolida na formação da identidade desses jovens. O que permanece é o ecoar do pensamento: de que forma nós, educadores, somos responsáveis por inferirmos nesse meio tão

cruel, discriminativo e odioso? Como as práticas antirracistas vêm sendo apresentadas, com que frequência, de que forma? É preciso indagar como se deve abordar e tratar do tema, porque apesar de parecer distante para alguns, não se pode ignorar que é um problema social, estrutural, racial, étnico, e que, mais do que nunca, é um crime que precisa ser combatido a cada segundo de existência. Enquanto pessoas pretas, da criança à yalorixá, morrerem por balas direcionadas, por 13 ou 80 tiros, será preciso lutar, e a intenção é que seja rompido o silenciamento em cima da realidade a qual os nossos estudantes estão inseridos, e isso, conseguimos realizar.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os referenciais teóricos trabalhados nesse artigo - *Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, de Nilma Lino e *Meu cabelo, minha identidade*, de Darline Silva, nos trouxeram reflexões sobre a importância da representatividade para a produção do reconhecimento e, por conseguinte, construção da identidade, principalmente quando abordamos questões étnico-raciais. No âmbito escolar, apontar e discutir questões que são impeditivas para o desenvolvimento da prática educacional antirracista, assim como, na contemporaneidade, nos leva a questionar de que forma o racismo se manifesta e como podemos identificá-lo e combatê-lo. Durante todo o mês de julho, realizamos trabalhos, rodas de conversas, discussões e apresentações, trazendo materiais de autores e autoras negras e, principalmente, utilizando das produções do próprio corpo discente, que carrega tanta potência e reivindicações por direito, reconhecimento e respeito.

Também como referenciais teóricos, o artigo *Cultura negra e educação antirracista no currículo escolar: potencialidades do trabalho educativo por meio da literatura* e *Da teoria ao ato: Refletindo sobre educação, reconhecimento e antiracismo*, nos convidam a repensar de que forma as práticas escolares antirracistas podem ser propostas, visto que hoje, temos possibilidades de trabalharmos produções de autoria negra, onde estes alunos e alunas podem se reconhecer enquanto protagonistas de suas próprias histórias, assim como os escritores e escritoras em questão, que vêm, ascendentemente, ocupando espaços que foram historicamente negados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como consideração final, é importante trazer que as experiências promovidas foram benéficas tanto para os alunos, quanto para nós, visto que, muitos discentes que eram pouco

participativos, não falavam por falta de vontade ou por não perceberem o quanto as questões raciais os atravessavam. Estes começaram a se abrir e manifestar os seus posicionamentos e vivências através do incentivo à problematizar questões sensíveis que carecem de atenção e verbalização. Para nós, o desenvolvimento do protagonismo enquanto futuras docentes, seja nos debates ou na criação e efetivação de projetos que atendam às necessidades da clientela escolar é de suma importância, já que, desta forma, a nossa formação proporcionada pelo PIBID (Programa Institucional e Bolsa de Iniciação à Docência) cumpre com o papel de nos permitir vivenciar com autonomia todos os possíveis cenários que envolvem a nossa participação ativa na escola.

**Palavras-chave:** Educação; Antirracista; Ensino Médio; Educação; Identidade

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à professora e nossa supervisora do PIBID, Jucy Silva, por todo incentivo e apoio, nos fornecendo materiais e a oportunidade de vivenciar experiências afetivas e formadoras.

Agradecemos à professora Liliane Vasconcelos, pelo olhar atento às correções, disponibilidade e incentivo para adentrarmos ao campo da pesquisa.

Agradecemos ao Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e aos alunos e alunas da Eletiva Eu Escritor, pela confiança no nosso trabalho e por nos darem espaço para entregá-lo e efetivá-lo sempre da melhor forma possível.

## **REFERÊNCIAS**

SILVA, DARLINE. **Que Cabelo É Esse?: Meu cabelo, minha identidade**. 1º edição, 13 de junho de 2023.

LINO, Nilma. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3ª edição. Editora Autêntica, 15 de julho de 2019.

FREITAS, N. A. DE; PINHO, C. M. S. DE; CANTÃO, J. S. **Cultura negra e educação antirracista no currículo escolar: potencialidades do trabalho educativo por meio da literatura**. Revista Exitus, v. 10, 2020.

FLORES, E. C. et al. **DA TEORIA AO ATO: Refletindo sobre educação, reconhecimento e antirracismo**. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, n. 44, 30 nov. 2016.

**JULHO Das Pretas**. Instituto Odara, 2023. Disponível em:  
<https://institutoodara.org.br/julho-das-pretas/>. Acesso em: 6 de outubro de 2023.

**ABNT**. Disponível em: <https://www.abnt.org.br/>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.